

Percursos de Vida Oitocentista
Mulheres de S. João do Pico

Maria Norberta Amorim

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 165-174

Percursos de Vida Oitocentistas Mulheres de S. João do Pico

Maria Norberta Amorim *

Tal como acontece em relação à Demografia Contemporânea, a Demografia Histórica pode alargar o espaço temporal da Antropologia, oferecendo aos investigadores a possibilidade de uma aproximação ao quotidiano de comunidades históricas.

As bases de dados construídas a partir do cruzamento de baptizados, casamentos e óbitos, em que cada indivíduo é acompanhado no seu percurso de vida e ligado em cadeia a ascendentes e descendentes, não têm só um interesse demográfico ou genealógico. A possibilidade de cruzamento sobre essas bases da variadíssima informação decorrente de outras fontes nominativas pode permitir a abertura para um novo aprofundamento das vivências dos períodos moderno e contemporâneo.

Apesar da morosidade do processo e dos recursos necessários, a ilha açoriana do Pico encontra-se já numa fase adiantada de *reconstituição*, prevendo-se que nos próximos cinco anos possamos dispor de uma *base de dados* unindo as actuais dezassete freguesias distribuídas por três concelhos, com o acompanhamento das trajectórias individuais dentro da ilha.

S. João, do concelho das Lajes, foi a primeira comunidade sobre a qual se aplicou a *metodologia de reconstituição de paróquias*¹, metodologia que se foi estendendo depois a outras freguesias do Pico e a outras zonas do país. A freguesia beneficia também da existência de outra fonte paroquial de extraordinária riqueza: uma série praticamente contínua de róis de confessados que cobre o século XIX, a permitir o acompanhamento da permanência na paróquia dos indivíduos referenciados nos actos vitais. Podemos assim, ao longo do século, ano a ano, identificar os paroquianos na sua inserção familiar e na distribuição residencial ao longo do caminho costeiro e das *canadas* que o traçam e sobem pelo declive.

Uma outra fonte documental com carácter de sistematicidade é a Matriz Predial da freguesia, elaborada em conformidade do Artigo 108^o do Regulamento de 25 de Agosto de 1881, que nos dá um interessante quadro comunitário, referindo os titulares da propriedade urbana e de toda e qualquer parcela da propriedade rústica, indicando os respectivos nomes, alcunhas, residências e rendimentos colectáveis correspondentes. Não há nesta fonte indicação de idade nem de relações familiares, que facilitem a identificação, a não ser no caso de mulheres solteiras sem filhos ou de viúvas, a quem é indicado o nome do pai ou do marido falecidos.

Embora a matriz predial esteja datada de 30 de Outubro de 1884, o quadro comunitário que apresenta refere-se realmente ao ano anterior (pessoas falecidas ainda em 1883 aparecem referidas na matriz predial), razão pela qual colocámos a nossa observação no primeiro de Janeiro de 1883., procedendo ao cruzamento entre as três espécies de fontes referidas - registos paroquias já organizados pela metodologia de reconstituição de paróquias, rol de confessados desse mesmo

* Universidade do Minho

¹ Amorim, Maria Norberta, *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*, Braga, Universidade do Minho, 1991.

ano e matriz predial da freguesia.

Assente no rol de confessados de 1883 que agrega os indivíduos em fogos e em casas², formámos uma base de dados dos residentes em S. João em 1 de Janeiro desse ano. Essa base, ordenada, seguindo o rol, pelo número de fogo, local de residência e hierarquia familiar, é enriquecida com os dados vitais que a cada indivíduo respeitam, datas de nascimento, de casamento/s e de óbito, a idade exacta calculada para o primeiro de Janeiro de 1883, e as informações de ordem sócio-económica colhidas da matriz predial da freguesia e, no caso dos homens, de uma lista de eleitores datada de 1884.

Das enormes virtualidades dessa base de dados escolhemos para uma análise breve o caso de três mulheres idosas diferenciadas pelos seus trajectos de vida.

Embora o conceito de idoso se tenha alterado no decurso da segunda metade do século XX, a esperança de vida dos picoenses no período³, permite-nos observar em S. João um número não depreciável de indivíduos sobreviventes a idades muito elevadas. Numa população de 1258 indivíduos identificados na nossa base de dados de residentes no ano em causa, 230 tinham mais de 60 anos, uma percentagem de 18,3%, percentagem aparentemente *moderna*, muito afastada dos 7,2% que Manuel Nazareth aponta para a população portuguesa em 1880⁴. Com 70 ou mais anos contavam-se 116 indivíduos, uma percentagem de 9,2%. Com 80 ou mais anos, contavam-se ainda 36 pessoas, 2,9% da população, e com 90 ou mais havia ainda 7 residentes, 0,6% do total.

Se consideramos a distribuição por sexos, verificamos o efeito da mobilidade diferencial em idades jovens. Enquanto os homens com 60 ou mais anos contabilizaram 19% da população masculina, as mulheres do mesmo grupo etário quedavam-se nos 17,8 %, apesar da esperança de vida entre as mulheres ser mais favorável do que nos homens⁵.

Na freguesia de S. João, enquadrada por dois grandes rios de lava recentemente solidificada⁷, a água de consumo doméstico vinha dos poços de maré carregada pelas íngremes canadas à cabeça das mulheres, sendo o seu solo avaro de pão e de vinho e as pastagens do alto e as lenhas das encostas os principais recursos alternativos. Essa terra pobre, onde a morte poupava as gentes, nem por isso deixa de ser um interessante laboratório de análise de comportamentos diferenciais quando nos debruçamos sobre longos percursos de vida.

As três idosas cujo trajecto iremos acompanhar tinham nascido ainda no século XVIII, contando mais de 85 anos de idade e um diferente posicionamento em relação à propriedade e às relações familiares. Possivelmente teria sido comum a todas elas a canseira de transportar à cabeça potes de água do poço e feixes de lenha das terras do alto, de escaldar *massa* e acender o forno para cozer o bolo de milho, base da alimentação das gentes da terra, de esfregar o chão da casa com uma escova rija para o trazer bem limpo, de fiar a lã para vestir a família e tantos outros encargos domésticos. Nenhuma dessas mulheres teve criadas que a servissem, mas a vida não foi igualmente dura para todas.

1º Caso

Seguindo o itinerário do rol, a primeira mulher encontrada a reunir as condições da nossa opção foi uma mulher viúva, Maria Josefa, que contava então 86 anos de idade e residia no Caminho do

² Sendo o fogo uma unidade contribuinte, não se identifica com residência. Neste rol de 1883 o pároco numera sequencialmente os fogos, fazendo corresponder a essa numeração o número de polícia, ou seja a numeração da casa correspondente à sua situação ao longo do caminho, e numeração específica em cada uma das canadas que com ele entestam. Ficamos assim a conhecer as situações de co-residência de elementos de membros da mesma família identificados em fogos diferentes.

³ Para as gerações nascidas em S. João e S. Mateus, entre 1850 e 1889, calculei, de forma directa e agregada, uma esperança de vida à nascença, sexos reunidos, de 57,7 anos. Veja-se *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 1992, p. 237.

⁴ J. Manuel Nazareth, *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1979, p. 20.

⁵ Esperança de vida à nascença de 56 anos no caso dos homens e 58,7 no caso das mulheres, para as gerações nascidas entre 1850 e 1889.

⁶ *Evolução Demográfica...*, ob. cit. p.237.

⁷ Um vulcão ardeu em 1718 grande parte da antiga freguesia, separando-a de S. Mateus e logo em 1720 outro vulcão separá-la das Lajes.

Arrasto⁸, no lugar da Companhia de Cima, em casa própria, com loja e andar, cozinha separada⁹ e quintal, descrição de habitação corrente na freguesia.

Maria Josefa, nascida em 8 de Maio de 1796, era filha de uma mulher solteira, Josefa Bernarda, e não lhe conhecemos pai nem irmãos. Casara cedo, aos 16 anos, em 14 de Setembro de 1812, com José Rodrigues Homem, de 20 anos, natural da vizinha freguesia de S. Mateus. O casal registaria 8 filhos, o último deles nascido já depois do falecimento do pai.

Não é fácil imaginar a dimensão da luta pela sobrevivência de uma viúva pobre com filhos muito pequenos e sem outros apoios familiares (a mãe falecera no ano anterior ao do falecimento do marido).

Acompanhemos o destino conhecido das três gerações que se lhe seguiram, filhos, netos e bisnetos, quase todos nascidos em sua vida.

1. O primeiro filho a nascer, em 21 de Julho de 1814, que se chamou também Maria Josefa, teve aos 20 anos uma filha natural, Maria, nascida em 19 de Março de 1835. Viria a casar com o pai da filha, em 8 de Fevereiro do ano seguinte. O marido, Manuel da Rosa Réis, mais velho oito anos, era pobre como ela.

1.1. Esse primeiro filho do sexo feminino de Manuel da Rosa Réis e de Maria Josefa chamou-se Maria, conforme o hábito do tempo para a primeira filha nascida, e recebeu o sobrenome de Josefa, como a mãe e como a avó, também segundo o costume. Esta Maria Josefa ausentar-se-ia da freguesia e não sabemos se emigrou¹⁰.

1.2. O segundo filho, Antónia Josefa da Conceição, nascida em 27 de Fevereiro de 1838, casou aos 25 anos, em 15 de Junho de 1863, com Manuel Rodrigues, marítimo, de alcunha o *Pá de Rata*, e vivia em 1883, na Canada de Francisca, perto do porto da freguesia, no lugar da Companhia de Baixo, o outro lugar da freguesia. No rol de confessados aparece esta família referida à mesma residência de uma irmã solteira de Manuel Rodrigues, chamada Josefa de Brum, de alcunha a *Pandulha*, de 41 anos, embora com um número de fogo próprio. Na matriz predial são referidas no nome de cada um dos irmãos, duas casas, uma delas sem referência a cozinha. Admitimos que se tratasse de um mesmo edifício repartido pelos irmãos, como era hábito nas partilhas de bens. Seria uma casa muito pobre a avaliar pelo rendimento colectável referido. Josefa de Brum tinha então de rendimento colectável apenas \$360 réis e contava ainda mais dois números na matriz predial. O rendimento colectável de Manuel Rodrigues era de \$540 réis e tinha também dois outros números de matriz. Admitimos que a diferença de rendimento entre os dois irmãos se devesse à cozinha que ficaria na posse do irmão casado.

A filha mais velha do casal, 1.1.1. Maria Soares da Silva, nascida em 30 de Setembro de 1864, casaria e morreria na freguesia. 1.1.2. Rosa, a filha seguinte, nascida em 30 de Novembro de 1868, ausentou-se aos 19 anos sem passaporte conhecido. 1.1.3. Rita, nascida em 29 de Julho de 1872, faleceu a abeirar um ano de idade. 1.1.4. Francisco, nascido em 27 de Maio de 1874, ausentou-se aos 18 anos, também sem passaporte. 1.1.5. José, que se chamaria José Rodrigues da Silva, nascido em 6 de Setembro de 1876, casou e faleceu na freguesia. 1.1.6. Josefa Rodrigues, nascida em 19 de Março de 1879, emigrou com passaporte para os Estados Unidos em Agosto de 1900. 1.1.7. António Rodrigues da Rosa, o filho mais novo, nascido em 22 de Janeiro de 1882, casou aos 19 anos, emigrando em 1911 com passaporte também para os Estados Unidos. Era pedreiro.

1.3. O terceiro filho de Manuel da Rosa Réis e Maria Josefa, que se chamou Rosa da Conceição, nascida em 6 de Junho de 1841, emigrou com passaporte para o Brasil em Outubro de 1867, mas veio falecer solteira a S. João em 15 de Janeiro de 1910.

⁸O Caminho do Arrasto, no início da freguesia, para quem se dirige da vila da Madalena para a vila das Lajes, era uma *canada* que levava ao planalto na base da grande montanha, onde se estendiam as pastagens.

⁹Ainda hoje se podem encontrar na freguesia casas antigas com a cozinha separada, precaução contra incêndios e intoxicações, na medida em que se conservavam as brasas sob cinza ao longo da noite para reavivar no dia seguinte.

¹⁰ Os registos de passaportes a que tivemos acesso iniciam-se só em 1859.

1.4. O quarto filho, Josefa da Conceição, nascida em 24 de Janeiro de 1844, casou aos 23 anos, em 11 de Fevereiro de 1867, com João de Br um de Sousa, de 20 anos e só registaram em S. João um filho, 1.4.1. Manuel, em 18 de Agosto de 1878. Em 1883 não residiam em S. João e admitimos que tenham ido após o casamento para os Estados Unidos e numa viagem a S. João lhes tenha nascido o filho. É para os Estados Unidos o destino do passaporte que lhes conhecemos de Abril de 1899, uma saída sem regresso.

1.5. O quinto filho, Manuel da Rosa Réis, que ganharia a alcunha de *Pracá*, nascido em 1 de Janeiro de 1848, casou em 4 de Junho de 1868 com Isabel da Conceição, filha natural de Maria da Conceição, uma mulher que ficara viúva jovem, com uma filha do marido. Não conhecemos o pai de Isabel da Conceição. Em 1883 a família de Manuel da Rosa Réis, vivia na Travessa entre o Caminho do Arrasto e a Canada de Perpétua de Sousa, ainda no lugar da Companhia de Cima, com um rendimento colectável de apenas \$781 réis e quatro números na matriz predial. Um desses números era relativo a uma casa com pavimento térreo e cozinha, sem referência a quintal.

Manuel da Rosa Réis e Isabel da Conceição baptizaram 10 filhos. O filho mais velho, 1.5.1. Manuel, nascido em 30 de Setembro de 1868, ausentou-se aos 19 anos, sem passaporte. O filho segundo, 1.5.2. João, nascido em 16 de Dezembro de 1870, faleceu com um ano de idade. O terceiro filho, 1.5.3. também João, nasceu em 16 de Outubro de 1872 e ausentou-se aos 16 anos. O quarto filho, 1.5.4. Maria da Conceição, nasceu em 39 de Maio de 1875, casou na freguesia aos 22 anos, onde também faleceu em 7 de Janeiro de 1937. O quinto filho, 1.5.5. Lucrecia da Conceição da Silva, nascida em 24 de Outubro de 1877, emigrou com passaporte aos 17 anos para os Estados Unidos. O sexto filho, que se chamaria 1.5.6. Maria da Conceição Garcia, nascida em 20 de Fevereiro de 1880, emigrou também para os Estados Unidos, no mesmo barco da irmã Lucrecia. O sétimo filho, 1.5.7. Isabel, nascida em 1 de Janeiro de 1883, faleceu com dois anos de idade. O oitavo filho, 1.5.8. Manuel da Rosa, nascido em 4 de Junho de 1885, emigrou em Abril de 1899, aos 13 anos, para os Estados Unidos. O nono filho, 1.5.9. Isabel, nascida em 21 de Setembro de 1887, emigrou em Agosto de 1900 para o mesmo destino dos irmãos, com a idade de 12 anos. O décimo filho, 1.5.10. Maria de Jesus da Silva, nascida em 21 de Dezembro de 1889 foi para os Estados Unidos em Outubro de 1900, com os pais, veio casar a S. João em 16 de Julho de 1905 e voltou a sair com o marido em Junho do ano seguinte.

De facto, Manuel da Rosa Réis e Isabel da Conceição foram aos Estados em Outubro de 1900, mas regressaram. Voltaram ainda aos Estados Unidos em 1907, mas vieram ambos falecer a S. João. Isabel da Conceição faleceu em 31 de Agosto de 1930 e seu marido em 27 de Outubro de 1933.

1.6. Francisca Josefa, a filha mais nova de Manuel da Rosa Réis e Maria Josefa, nascida em 7 de Maio de 1850, registou quatro filhos naturais em S. João, saindo da freguesia com os filhos em 1881. Admitimos que tivessem ido para os Estados Unidos, na medida em que do filho mais velho, 1.6.1. Manuel Maria Pereira, conhecemos o registo de passaporte para aquele destino em 1891, no mês de Março. 1.6.2. Maria, a filha que se seguiu, nasceu em 20 de Novembro de 1874. 1.6.3. João nasceu em 30 de Junho de 1877 e 1.6.4. Rosa da Conceição da Silveira, a filha mais nova conhecida, nasceu em 16 de Janeiro de 1880. Também de Rosa conhecemos registo de passaporte para os Estados Unidos em Agosto de 1905.

Manuel da Rosa Réis, pai, veio falecer a S. João em 29 de Junho de 1891, já viúvo e foi referido ao óbito como mendigo.

2. A segunda filha de José Rodrigues Homem e de Maria Josefa, a idosa em observação, chamou-se Antónia Josefa. Nasceu em 14 de Abril de 1817 e morreu solteira em 5 de Novembro de 1971, sem filhos conhecidos.

3. O terceiro filho do casal, de nome Manuel José Rodrigues, nascido em 27 de Março de 1820, aprendeu a profissão de ferreiro. Casou aos 30 anos, em 29 de Abril de 1820, com Francisca de Br um, de 29 anos, de quem tinha já uma filha, Maria, nascida em 3 de Novembro de 1848. Falecido

em 10 de Junho de 1882, a sua viúva tinha em 1883 oito números na matriz predial da freguesia, um deles respeitante a uma casa com loja e andar na Canada do Vigário, no lugar da Companhia de Baixo. Tinha de rendimento colectável 4\$845 réis, o que a coloca em posição ligeiramente mais favorecida do que a dos seus cunhados.

3.1. Esse primeiro filho de Manuel José Rodrigues e de Francisca de Brum, que se chamaria Maria de Brum, saiu aos 15 anos com passaporte para o Brasil.

3.2.0 segundo filho, de nome Francisca, nascida em 3 de Junho de 1851, faleceu com 15 meses.

3.3. O terceiro filho, Manuel, nascido em 25 de Novembro de 1852, saiu aos 18 anos sem passaporte.

3.4.0 quarto filho, Francisca dos Anjos, nascida em 22 de Junho de 1855, casou aos 28 anos, em 1 de Dezembro de 1883, com Manuel Francisco Machado, de 24 anos. Tiveram 9 filhos. O filho mais velho, 3.4.1. também chamado Manuel Francisco Machado, nascido em 22 de Agosto de 1884, emigrou para os Estados Unidos em Março de 1902. Afilha 3.4.2. Maria, nascida em 19 de Março de 1886, saiu da observação aos 32 anos, sendo solteira. 3.4.3. António Francisco Machado, o filho que se seguiu, nascido em 31 de Janeiro de 1888, emigrou para os Estados Unidos aos 13 anos. 3.4.4. José, nascido em 12 de Fevereiro de 1890, faleceu com três meses. 3.4.5. José Francisco Machado, nascido em 18 de Março de 1891, emigrou para os Estados Unidos aos 12 anos. 3.4.6. Laura Ferreira Machado, nascida em 4 de Setembro de 1893, seguiu o mesmo destino do irmão que a precedera quando tinha 26 anos, sendo então solteira. 3.4.7. Jesuína Ferreira Machado, nascida em 24 de Fevereiro de 1895, casou em S. João em 15 de Maio de 1919, onde residiu. 3.4.8. Deolinda Ferreira Machado, nascida em 5 de Agosto de 1900, também casou em S: João aos 24 anos, em 27 de Dezembro de 1924, e na freguesia permaneceu. 3.4.9. Alfredo Francisco Machado, o filho mais novo, nascido em 13 de Fevereiro de 1903, aprendeu a profissão de sapateiro, casou em 25 de Janeiro de 1930 e também residiu na freguesia.

Francisca dos Anjos, faleceu em 4 de Março de 1936, já viúva. O marido saíra da nossa observação em 1924.

3.5. O quinto filho de Manuel José Rodrigues e Francisca de Brum, chamado José Rodrigues, nascido em 31 de Março de 1858, era tolo, segundo classificação do pároco, mas só veio a falecer em 3 de Novembro de 1934.

4.0 quarto filho de José Rodrigues Homem e de Maria Josefa, chamado José Rodrigues Homem, como o pai, nascido em 13 de Fevereiro de 1823, casou em 28 de Janeiro de 1850 com Francisca Luísa, de 24 anos, que faleceu em 12 de Novembro de 1861, sem lhe deixar filhos. José Rodrigues Homem voltou a casar em 3 de Março do ano seguinte com Ana da Conceição, de 26 anos, de quem teve uma filha. Faleceu novo, aos 42 anos, no primeiro de Janeiro de 1866, falecendo a sua viúva em 16 de Fevereiro de 1872, quando contava 36 anos.

4.1. Posteriormente à morte da mãe não identificamos a filha de José Rodrigues Homem e de Maria da Conceição, Maria, nascida em 17 de Dezembro de 1863.

5. O quinto filho da idosa em observação, Josefa, nascida em 14 de Fevereiro de 1826, não sobreviveu.

6. O sexto filho, Rosa Josefa Bernarda, nascida em 25 de Novembro de 1827, teve uma filha natural, 6.1. Maria, em 28 de Julho de 1855. O pai da filha, José Francisco Martins, marítimo, emigrou para os Estados Unidos em Março de 1862 e levou com ele a filha. Um ano depois, seria a vez de Rosa Josefa Bernarda tirar passaporte com o mesmo destino. Admitimos que se reunisse à filha e ao pai da mesma.

7.0 sétimo filho de Maria Josefa, a idosa em observação, nasceu em 2 de Julho de 1830 e chamava-se Maria Josefa como a mãe e a irmã mais velha, não sendo muito frequente tal situação. Podemos admitir duas hipóteses mais plausíveis. Ou a filha Maria mais nova era afillhada da Maria mais velha ou, ausentando-se a filha mais velha, a mais nova usava naturalmente o nome da mãe, para mais facilmente e ela ser referenciada. Maria Josefa mais nova registou em S. João três filhos naturais.

7.1. O filho mais velho de Maria Josefa, Manuel Ferreira, nascido em 4 de Dezembro de 1859, casara em 18 de Janeiro de 1881 com Maria do Nascimento, seis anos mais velha. Tinham um filho, 7.1.1. Manuel, nascido em 3 de Dezembro de 1881, que emigraria com passaporte para os Estados Unidos em Março de 1904. Afilha que se seguiu, já dentro do casamento, 7.1.2. Maria do Espírito Santo Ferreira da Silva, nascida em 15 de Janeiro de 1885, emigrou aos 15 anos, em Agosto de 1900, igualmente para os Estados Unidos. O terceiro, 7.1.3. António Ferreira da Silva, nascido em 6 de Novembro de 1887, teve a profissão de caiador e casou na ilha do Faial, na freguesia da Ribeirinha, ausentando-se posteriormente de S. João. 7.1.4. Maria, nascida em 6 de Fevereiro de 1891, saiu da observação aos 27 anos. 7.1.5. Carolina Ferreira, afillha mais nova, nascida em 5 de Janeiro de 1894, casou aos 19 anos com um homem natural da vila das Lajes, saindo da freguesia.

Manuel Ferreira foi o coveiro de S. João e em 1883, embora identificada a sua família num fogo próprio, vivia na casa da avó, sem que lhe fosse atribuída propriedade alguma.

7.2. O segundo filho de Maria Josefa, Maria da Trindade, nascida em 2 de Maio de 1863, foi aos 10 anos com o pai, João Rodrigues Soares, para os Estados Unidos. João Rodrigues Soares, nascido em 29 de Maio de 1841, saiu da observação em 1866 e em Abril de 1874 tirava passaporte para os Estados Unidos, levando a filha. Admitimos que tenha emigrado clandestinamente em 1866.

7.3. O terceiro filho natural de Maria Josefa, António, nascido em 11 de Abril de 1868, saiu da observação sem passaporte conhecido. Em 1883 era identificado no mesmo fogo da mãe e da avó.

Tendo a matriarca da família, a idosa Maria Josefa, além da casa, cinco courelas de terra, com um rendimento colectável global de apenas 2\$400 réis, fácil é depreender das dificuldades de sobrevivência desta família que envolvia seis pessoas- a própria idosa, a filha solteira, o neto António e o neto Manuel, casado, com mulher e um filho.

8. Chamou-se Josefa a última filha de Maria Josefa, nascida em 8 de Outubro de 1833, que saiu da freguesia aos 19 anos.

Se contabilizarmos a descendência na freguesia de Maria Josefa, a idosa em observação, verificamos que teve 8 filhos, 16 netos e 36 bisnetos, reprodução aparentemente modesta na terceira e quarta gerações.

Verificamos claramente que não foi o efeito de uma mortalidade gravosa nas primeiras idades que contribuiu para este resultado. Dos seus oito filhos apenas um morreu na infância. Antes dos dois anos de idade somente morreu um dos 16 netos nascidos em S. João. Apenas quatro dos 36 bisnetos não sobreviveram à infância, o que coloca o nível de mortalidade infanto-juvenil das três gerações descendentes em níveis muito baixos para a época¹¹.

O celibato definitivo de alguns dos seus descendentes teve algum efeito, apesar do número de nascimentos fora do casamento, mas foi certamente a saída em idade jovem de filhos e netos que roubou a Maria Josefa a possibilidade de contar na freguesia com uma descendência mais volumosa.

Reparemos que dos sete filhos sobreviventes à infância apenas dois casaram e completaram o

¹¹ Para Itália, onde foi feita uma observação para períodos curtos, verificamos que para as gerações de 1861-62 a probabilidade de morte nos primeiros 15 anos de vida era de 492,3 em mil. Para as gerações de 1891-92 a probabilidade de morte no mesmo grupo etário era ainda de 361,4 em mil. Veja-se L. Del Panta, M. Livi Bacci, G. Pinto, E. Sonnino, *La Popolazione Italiana dal Medioevo a Oggi*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1996.p. 181.

seu período fértil na freguesia. De quatro filhas não conhecemos casamento. Uma filha morreu solteira sem filhos conhecidos, uma outra saiu aos 19 anos, uma terceira baptizou um filho natural, emigrando depois, a última teve três filhos naturais e faleceu solteira na freguesia. Um outro filho, apesar de dois casamentos, apenas registou um descendente, morrendo cedo. O filho e a filha que permaneceram em S. João deram-lhe 11 dos seus 16 netos.

Essa terceira geração foi ainda mais claramente afectada pelo fenómeno da emigração. Dos seus 16 netos, 11 saíram da freguesia, dois deles já com filhos. Conhecemos o registo de passaporte de duas jovens para o Brasil e de três outras para os Estados Unidos. Não sabemos qual o destino dos outros seis, mas admitimos que fosse predominantemente os Estados Unidos. Havendo um *tolinho* nesta geração, a descendência mais alargada em S. João veio dos quatro netos restantes, sem que o fenómeno do celibato se manifestasse da mesma forma nesta geração.

Na geração dos bisnetos, a emigração para os Estados Unidos domina os destinos de vida, se exceptuarmos o caso dos mais novos, abrangidos pelas restrições de entrada impostas nos anos de 1920 por aquele país. Assim, dos 36 bisnetos de Maria Josefa, sabemos que 18, metade deles, tiraram passaporte para os Estados Unidos, alguns muito jovens. Admitimos que a emigração clandestina fosse responsável pelo afastamento para o mesmo destino de ainda outros, na medida em que mais 8 saíram de S. João e apenas de dois deles está documentada a ausência para outros destinos.

Os netos e bisnetos de Maria Josefa foram-se subtraindo à marginalidade social decorrente da pobreza e/ou da procriação fora do casamento, mais patente na geração anterior, tentando em novos mundos um destino diferente que não sabemos até onde lhes foi propício.

2º Caso

A segunda idosa cujo trajecto de vida iremos analisar chamava-se Bárbara de Brum, era viúva e nascera em 19 de Junho de 1796. Com 86 anos em 1883, residia na Canada de Miguel, uma das canadadas do lugar da Companhia de Baixo, sendo-lhe atribuído um rendimento colectável de 16\$267 réis¹². Um dos números das suas propriedades era referente à casa onde vivia, casa com loja, um andar, atafona¹³ e quintal. Com ela residia um enteado, João Vieira de Bem, carpinteiro, de 52 anos, e um neto João, de 11 anos.

O marido, também chamado João Vieira de Bem e também carpinteiro, nasceu em 23 de Junho de 1792, casara aos 34 anos com Isabel Quitéria, de 19 anos, irmã mais nova de Bárbara de Brum. João Vieira de Bem e Isabel Quitéria tiveram um filho, Manuel, em 23 de Agosto de 1827, que faleceu logo. João nasceria em 14 de Março de 1830, falecendo Isabel Quitéria em 17 de Fevereiro do ano seguinte.

Em 25 de Novembro de 1834 João Vieira de Bem casou com a cunhada, Bárbara de Brum, então com 38 anos. Ainda teriam um filho, Manuel Vieira de Bem, nascido em 12 de Maio de 1836, que casou para a freguesia das Ribeiras onde exerceu também a profissão de carpinteiro.

João Vieira de Bem, o enteado e sobrinho de Bárbara de Brum, havia sido emigrante nos Estados Unidos. Viria a casar em 5 de Outubro de 1891, aos 61 anos, com Maria Rita de Ávila, então com 59 anos, mãe de dois filhos dele. O mais velho desses filhos, Manuel Vieira de Bem, tinha 25 anos em 1883 e o mais novo, João, tinha apenas 9. A grande diferença de idades entre os dois irmãos poder-se-á em parte atribuir à ausência prolongada do pai. Repare-se que Manuel, sendo maior de idade, são-lhe atribuídos no rol de confessados os apelidos do pai, mesmo tendo nascido fora do casamento. Tratar-se-ia de uma união antiga que, por motivo que desconhecemos, só se veio a legalizar tardiamente.

¹² Se ordenássemos os 534 titulares da Matriz Predial conforme o valor da propriedade, situar-se-ia na posição n.º 144, ou seja dentro do terço das famílias mais favorecidas.

¹³ A atafona era um edifício anexo à casa que, além de servir para ter um moinho de tracção animal, tinha espaço para recolher pasto para o gado, guardar o milho, as batatas, as cebolas e outros géneros de consumo e ainda poderia servir como dormitório de recurso, normalmente de rapazes em famílias numerosas.

Bárbara de Brum faleceu bastante tempo antes do casamento do enteado, em 1885, então com 89 anos de idade. Admitimos que as dificuldades na legalização da união do casal adviessem do pai de Maria Rita. Este, José de Brum de Ávila, apesar de referido a um fogo diferente, vivia com a filha e com os netos e faleceu a abeirar os 100 anos, em 8 de Dezembro de 1890. Residiam numa casa com loja, um andar e quintal no sítio de Santo António, do lugar da Companhia de Baixo. Em 1883, José de Brum de Ávila, então com 91 anos, tinha um rendimento colectável modesto, de 3\$942 réis, tendo a filha, herdada da mãe, um rendimento colectável de apenas 1\$025 réis.

A idosa em análise, Bárbara de Brum, não deixou na freguesia descendentes. Dois seus oito netos, um baptizado em S. João e sete baptizados na freguesia das Ribeiras, dois faleceram crianças e os outros emigraram.

3^o Caso

O último caso que iremos referir é o de uma idosa solteira, Ana Luísa, de alcunha o *Anicão*, nascida em 7 de Julho de 1792, a contar 90 anos de idade em 1883.

No rol de confessados aparece como isolada, em residência independente, mas nenhuma propriedade é identificada em seu nome e às famílias que a enquadram no rol são referidas casas que na matriz predial são apresentadas como contíguas. Admitimos que vivesse de esmola numa dessas casas, mas que angariasse o seu próprio sustento.

Ana Luísa era o terceiro filho de João Garcia Pereira e de Maria Francisca, casal que baptizou sete filhos. Dois irmãos, João e Francisco, saíram da freguesia, o primeiro aos 24 anos e o segundo aos 11 anos. Uma outra irmã, Catarina Josefa, falecera solteira aos 84 anos. Os restantes três irmãos tiveram filhos em S. João. A irmã mais velha, Maria Francisca, faleceu casada aos 29 anos e os dois filhos que registou saíram da freguesia. O irmão que a antecedeu, José Garcia Pereira, falecera casado aos 62 anos. Dos sete filhos que tivera, cinco haviam emigrado, dois deles com passaporte para o Brasil. As duas filhas que viviam em S. João, tinham residências algo afastadas da da tia. O irmão mais novo, Manuel Garcia da Rosa, sapateiro, morrera casado sem filhos e a sua viúva vivia longe da cunhada.

Não sabemos como sobreviveria Ana Luísa, cuja vida se prolongou até aos 94 anos.

Analisámos três casos de três mulheres muito idosas vivendo no mesmo meio mas com percursos de vida distintos e integração familiar bem diversa. A memória de Ana Luísa perder-se-ia com aqueles que a conheceram. De Maria Josefa e possivelmente também de Bárbara de Brum sucederam-se gerações entre os Açores e as Américas. Seria interessante podermos identificar todos os seus descendentes espalhados por esses espaços e contrastar o seu quotidiano com o das suas avós na freguesia açoriana.

Bibliografia

- Amorim, Maria Norberta e Correia, Alberto, *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*, Universidade do Minho, NEPS, 1999.
- Amorim, Maria Norberta, *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 1992, p. 237.
- Amorim, Maria Norberta, *Uma metodologia de reconstituição de paróquias*, Braga, Universidade do Minho, 1991.
- Bandeira, Mário Leston, *Demografia e Modernidade. Família e transição demográfica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1996.
- Del Panta, L, Livi-Bacci, M, Pinto, G., Sonnino, E., *La popolazione Italiana dal Medioevo a Oggi*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1996.
- João, Maria Isabel, *Os Açores no século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*, Lisboa, Edições Cosmos, 1991.
- Nazareth, J. Manuel, *O Envelhecimento da População Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1979.